

MEMÓRIA, REGISTRO, RASTRO. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE TEATRO, PROCESSOS DE REGISTRO ATRAVÉS DE UM BLOG DIÁRIO.

Fernanda Areias de Oliveira (fareias@ufma.br)

<http://lattes.cnpq.br/8726813473492947>

Maria Cristina Villanova Biazus (cbiazus@ufrgs.br)

<http://lattes.cnpq.br/0968244004421569>

Resumo:

A formação de professores de arte começa a ser visitada por novas possibilidades metodológicas. Vemos nos processos formativos desses docentes artistas uma significativa mudança com a chegada de jovens oriundos da geração Y na universidade. Faz-se necessário também rever as práticas formativas destes. Neste sentido, este artigo irá se deter na experiência do uso do blog como portfólio de processo criativo na disciplina de Interpretação I do curso de licenciatura em teatro, da Universidade Federal do Maranhão. Percebeu-se nesta experiência que a construção de um hipertexto que possibilitava a inserção de mídias em sua composição básica foi essencial para a reflexão e formação deste discente.

Palavras chaves: Formação de professores, nativos digitais e registro

Abstract:

The teacher training starts to be visited by new methodological possibilities. We see in the formative processes of these artists teachers a significant change with the arrival of young people from Generation Y in the university. It is also necessary to review the training practices of those. This article will focus in the experience of using the blog as a portfolio of creative process in the discipline of interpretation I of degree in theater, the Federal University of Maranhão. It was felt that this experience building a hypertext that allowed the inclusion of media in its basic composition was essential for the formation of this reflection and students.

Keywords: teacher training, digitais native and registration

REGISTRO NA PEDAGOGIA DO TEATRO

Olá! Bem Vindos ao “R Interpreta”, [...] Bom, sempre tive uma vontade enorme de fazer um blog, porém minha capacidade criativa veio com um déficit, o que me impossibilitava de ser corajosa a ponto de criar um blog que falasse de coisas construtivas e que existisse um “porque” de escrever. (rsrsr) Brincadeiras a parte! Felizmente essa oportunidade me foi dada, sendo criativa ou não escreverei minhas experiências vividas em sala de aula, e tentarei falar de arte, sou iniciante na vida acadêmica, gosto de teatro e de toda e qualquer manifestação artística (quase todas), amo dançar e minha alma necessita da dança pra se sentir viva. O ato cênico sempre esteve muito presente na minha vida, o que me fez admirar muito e querer sentir a arte, no entanto não a via como formação, ate porque eu queria ser Meteorologista ou Astrônoma, mas isso é outra estória.

Assim começa o primeiro post da aluna R, cursista atualmente do 4º período da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão. A formatação no artigo não me permite, mas a fonte da letra era criativa e ainda existiam imagens que dialogavam com este texto inicial, como um boneco de forma animada usando uma máscara teatral saindo de um ovo, representação de extrema significação para esta nova etapa em que a aluna se lançara, seu mergulho nas letras digitais.

A proposta da disciplina de interpretação teatral I na referida universidade aborda em sua ementa as *Principais teorias da representação teatral do século XX, tendo como eixo básico os processos criadores externos e internos da personagem. Adaptação dos processos criadores às formas dramáticas específicas, tais como: tragédia, comédia, drama realista, farsa e teatro do absurdo. Apresentação pública dos resultados dos projetos à comunidade.* Sendo dividida em noventa horas, em dois encontros semanais.

Em experiências anteriores ministrando a disciplina havia experimentado com a turma a proposta de um diário portfólio impresso, onde cada aluno deveria escrever sobre seu processo vivido na disciplina. Como resultado notei que a grande maioria não fazia um uso diário dos registros, postergando a tarefa da

escrita e, redigindo o mesmo apenas no final da disciplina para a aquisição de nota. Este não era o interesse da proposta, pois acreditava na necessidade de uma construção reflexiva dos processos de aprendizagem de cada discente, e para isso era necessário que o diário obedecesse a uma frequência.

A prática da escrita durante as aulas de teatro não é tarefa nova, vemos ao longo dos anos a pedagogia do teatro dialogar com metodologias associadas aos protocolos, muito difundidos no Brasil pela professora Ingrid Koudela.

Esse documento que não tem que obedecer à rigidez formal de uma ata ou de um relatório, é o ideal para que se tenha a noção de continuidade do processo, sem que seja necessário o emprego de tempo demasiado em sua elaboração. (Koudela, 1992:95)

Vemos na premissa do protocolo a atividade de relatar os acontecimentos da prática teatral, para que posteriormente seja possível resgatar a memória do processo e a ele agregar reflexões sobre os percursos traçados. Nota-se desta proposta um olhar sobre o recorte do coletivo, priorizando o debate sobre as impressões gerais do processo em cada nova etapa de leitura do protocolo, como assinala Koudela, ao descrever sua aproximação com a proposta de protocolos aplicada pelo professor Dr. Florian Vassen, da Universidade de Hannover.

Uma pessoa, às vezes duas ou três ficam encarregadas de escrever o protocolo, sendo que elas devem se responsabilizar por fazer uma cópia para cada aluno. No início da aula subsequente o protocolo é lido em voz alta, sofrendo o comentário da classe. (Koudela, 2001:90)

Como proposta de desenvolvimento destes artistas docentes, o protocolo não me pareceu atingir o objetivo de alcançar a reflexão sobre a individualidade da prática criativa. Interessava-me como professora da disciplina trazer aos olhos dos meus alunos um olhar microscópico sobre seu processo criativo. Singularizar para depois universalizar. Esta observação estava associada ao fato de que há muito identificava em minhas turmas uma ausência de estudo sobre procedimentos criativos individuais. Logo buscava despertar neles o interesse e a autonomia na gestão de seus conhecimentos,

elevando a criticidade sobre as teorias teatrais discutidas ao longo da disciplina.

Essa proposta acabou por estender o debate da disciplina para além da sala de aula, muitos alunos se viram confortáveis em escrever mais livremente em seus blogs, usando para isso imagens que dialogassem com o conteúdo de sua escrita. Abaixo um post de uma dupla de alunos que refletem sobre a escolha de montar um dramaturgia de Shakespeare na contemporaneidade:



Imagine entrar na sala e encontrar as cadeiras enfileiradas uma de frente para outra e em cada uma ter uma placa identificando a que este lado pertencia? Foi assim que iniciamos o nosso estudo sobre Artaud com um "duelo" baseado no livro o Teatro e o seu duplo, no qual de um lado as pessoas que pensavam como Artaud e do outro lado os que pensavam contra ele. Foi um duelo muito divertido, pois os grupos acabavam se embaralhando e o que estavam de acordo com Artaud acabavam se contradizendo e ficando contra e vice-versa. Artaud dizia que as obras primas eram coisas que deveriam ficar no passado, que uma obra de séculos atrás não traria o mesmo impacto que causou na época, porque os problemas de hoje não eram os problemas de antes. Só que o grupo que valorizava as obras primas, disse que não poderíamos deixar essas obras de lado pois por mais que criemos algo novo sempre vai vir alguém que vai dizer que se parece com uma obra-prima. O interessante foi que nós duas acabamos nos separando e cada uma defendeu um lado. E depois da aula conversamos sobre o assunto, para não fazer uma postagem com duas opiniões diferentes. E acabamos chegando a conclusão que, as obras primas são muito importantes, e apesar de serem do passado sempre vão estar presentes.

A escrita no blog era orientada a obedecer a uma fluência de ideias, priorizando sempre as postagens logo após a experiência da sala de aula. Ao fazer uma análise mais atenta as postagens no fim da disciplina, verifiquei que os discentes aprofundavam as discussões antes de fazerem suas postagens definitivas. Procuravam uma aproximação maior com os conceitos e muitas vezes relativizavam sua experiência prática na sala de aula, verificando que possibilidades poderiam ser mais efetivas para o desenvolvimento de sua atividade ao fim da disciplina, uma cena de dez minutos de duração que partisse de uma dramaturgia clássica.

O blog acabou também por cumprir o papel de acomodação dos conceitos pelos discentes, ao associar o relato da experiência aos conteúdos trabalhados na disciplina de maneira prática e teórica, a ferramenta resignificou o espaço digital, muitas vezes associados apenas ao entretenimento, como um espaço destinado ao pensamento acadêmico. Esta aproximação foi possível ao levantar questionamento sobre metodologias válidas para o ensino de futuros docentes oriundo da geração y.

GERAÇÃO Y E REGISTRO HIPERTEXTUAL

Em 2012 a proposta de blog diário sobre os processos na disciplina foi lançada a turma. Eles poderiam trabalhar individualmente ou em dupla, deveriam postar um comentário sobre cada aula da disciplina, levando em consideração a teoria estudada e seu ponto de vista. Seriam avaliados pela qualidade das postagens. Em nosso acordo, texto, vídeo e imagem são ideias e deveriam convergir para a apresentação de um ponto de vista em cada post e por isso deveriam ser igualmente estudados antes de publicados.

A proposta de igualar imagem e texto escrito no critério avaliativo dos discentes, esta no fato de considerar que os processos formativos dos professores de arte precisam levar em consideração também um caráter de desmistificação da imagem, retomando a mesma como objeto de representação do mundo.

Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O

homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem que vive magicamente –, a realidade reflete imagens. Podemos observar, hoje, de que forma se processa a magicização da vida: as imagens técnicas, atualmente onipresentes, ilustram a inversão da função imaginística e remagicizam a vida.(Flusser, pag 7)

Flusser levanta a consideração sobre o aspecto de remagicização da vida pelas imagens, gerando considerações sobre como o uso da mesma de modo pouco reflexivo, pode gerar um objeto que afasta o homem de seu mundo, colocando frente a um mundo de eterno transe imagético.

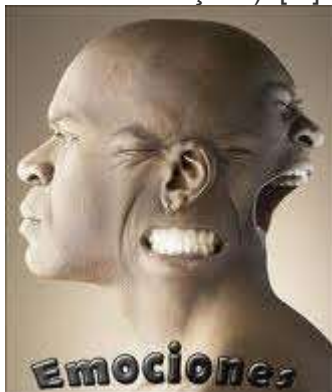
Ao notar que grande parte dos discentes fotografavam continuamente em suas atividades paralelas a aula, verifiquei que o dispositivo fotográfico seria de grande ajuda para a construção desta textualidade, onde pesquisa e observação das imagens produzidas no contexto de cada conteúdo dado seriam de extrema relevância para a acomodação dos conceitos. Para isso as imagens foram direcionadas como um conteúdo a ser estudado antes de postados no blog. Os alunos eram direcionados a pensar na captação e exibição da mesma, neste caso como potencializadores da ideia que gostariam de apresentar em seu post.

Abaixo o exemplo de imagem do aluno B, postada em seu blog no momento em que descreveu seu processo de experimentação com a memória emotiva:

Hoje fizemos algo tão incomum que chega a me perturbar um pouco. Do início. Trouxemos uma dramaturgia. Eu escolhi uma bem "fácil", Julieta. Foi proposto que fizéssemos uma investigação do ponto de vista de nossos personagens. Como ele/ela é e qual seu objetivo na cena. (No meu caso, cena 2 do ato 2. A cena do jardim) Mas acho que o que foi mais difícil foi entender a definição de unidade, mas acho que consegui :) Vou colocar exatamente como anotei: Julieta: bela, apaixonável. Essas características encontrei no próprio texto, ela dizia sobre si mesma. Quanto a sua relação com Romeu, advertiu-o que seria severa, esquiva, ou como "traduzi": (dando uma de) "difícil". Quanto ao que eu conclui foi que ela seria insegura, talvez por medo de ser enganada, e de certo modo esperta. A insegurança era o sentimento chave. Julieta sempre questionando e indo cada vez mais fundo e pedindo uma prova, um juramento do amor de Romeu. Seu objetivo era descobrir se o amor de Romeu era verdadeiro.

Logo, dividi as unidades da seguinte forma (de acordo com a mudança dos sentimentos):

1. Fase inicial: medo insegurança, investigação;
2. Juramento, prova do amor verdadeiro;
3. Esperança/expectativa (Pois viu que o amor de Romeu era sincero em suas intenções). [...]



Ao escrever sobre a investigação dos estímulos da personagem Julieta a aluna achou que seria relevante inserir esta imagem que potencializava seu estado de busca por mudanças de humor da personagem. Desta forma verifiquei que havia uma amplitude de leitura sobre a personagem, além de definir as emoções que gostaria de trabalhar, a aluna conseguiu verificar o quanto era relevante trabalhar a transição da mesma, as emoções precipitadas, pertinentes a referida tragédia Shakesperiana.

Durante a realização da disciplina desenvolveu-se uma metodologia peculiar para a aula. Tudo é memória, registro e rastro. Construimos memórias ao longo das aulas práticas e dialogadas, eles registraram as mesmas em seus blogs reflexivos e deixamos rastros deste processo nas cenas de finalização da disciplina. Os alunos foram estimulados a levarem material digital para sala. Os celulares, tabletes e câmeras fotográficas tornaram-se mais do que nunca extensões em nossos corpos. Para os blogs foram produzidas fotografias e vídeos editados, sem que eles apresentassem qualquer resistência ao uso dos equipamentos, todos apresentaram muita familiaridade com o aparato tecnológico.

Muito tem sido discutido sobre a formação docente e a inserção das mídias digitais nesta formação. A maioria das pesquisas parte do princípio que este docente não tem familiaridade com os novos suportes digitais e por isso deve passar por um processo de aproximação com os mesmos. No entanto,

pouco tem se discutido sobre a formação dos jovens docentes que ingressam as universidades. Estes são oriundos da geração Y e veem no meio digital seu suporte de comunicação primeiro.

It is now clear that as a result of this ubiquitous environment and the sheer volume of their interaction with it, today's students think and process information fundamentally differently from their predecessors. These differences go far further and deeper than most educators suspect or realize. "Different kinds of experiences lead to different brain structures," says Dr. Bruce D. Perry of Baylor College of Medicine. As we shall see in the next installment, it is very likely that our students' brains have physically changed –and are different from ours – as a result of how they grew up. (Prensky)¹

Os jovens descritos por Prensky e seu artigo publicado em 2001 sobre Migrantes e Nativos Digitais, hoje frequentam as universidades e muitos desses se preparam para a docência com metodologias que não são familiares a seu sistema cognitivo. Propor que eles associem conteúdos de arte ao suporte digital é uma alternativa que permite potencializar a aprendizagem deste aluno, aproximando o mesmo do fazer teatral onde prática e pesquisa caminham em unidade.

Nesta experiência pude observar uma significativa reflexão dos alunos sobre os teóricos estudados, onde a conexão com o conteúdo de sala de aula era complementada com as imagens produzidas, pesquisas de vídeos e imagens da internet e texto argumentativo dos discentes. Durante o processo ficou claro que o fato de ter permitido uma liberdade criativa no processo de construção do blog, fez do mesmo uma extensão das atividades práticas construídas ao longo da disciplina. De forma que

ESTÉTICA DIGITAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

¹ É agora claro que, como resultado deste ambiente onipresente e o volume de sua interação com ele, hoje os estudantes pensam e processam informações fundamentalmente diferente de seus antecessores. Essas diferenças vão mais longe e mais profundo do que a maioria dos educadores suspeita ou percebe. "Diferentes tipos de experiências levam a diferentes estruturas cerebrais," diz o Dr. Bruce D. Perry da Baylor College of Medicine. Como veremos no próximo capítulo, é muito provável que os cérebros dos nossos alunos têm mudado fisicamente e são diferentes dos nossos - como um resultado de como eles evoluíram.

Mediated performance, digital pretexts and video offer teacher and students the possibility of extending the experience they already have in drama into new dialogical spaces. These spaces are not in opposition to the embodied (real) and traditional drama and theatre approach but are a natural partner to what drama educators do on daily basis. We recognize that for many readers there is a tension between the real and the mediatized and between the live and the recorded. (ANDERSON 2006 P.16)²

Reconhecer a facilidade em que os jovens professores em formação lidam com o aparato digital não se constitui como elemento conclusivo na inserção de tecnologia digital na formação de professores de arte. É preciso antes disso direcionar o olhar dos mesmos para um potente instrumento nas aulas de teatro. Verificando que principalmente fora dos grandes centros, onde os professores e alunos tem pouco acesso a espetáculos teatrais, o acesso a conteúdo artístico digital pode aproximar este discente de uma estética digital em franca popularização.

Para além deste fato é preciso considerar que o suporte digital frequentemente é procurado por artistas contemporâneos para a exposição de sua produção ou até mesmo como material básico da mesma. Em teatro temos inúmeras experiências de grupos teatrais que fomentam seu canal no youtube com vídeos, alimentam blogs com informações sobre suas pesquisas e processos e mantém uma proximidade com seus espectadores via rede social. Vemos que expansão da expressão artística teatral expandiu para a rede de computadores, muito associada a busca dessa identidade biocibernética.

Os indivíduos, em busca da alteridade, se valem do sonho de verse-se ampliados pelas tecnologias. Os poemas cênicos dos performers podem ser considerados como falas dessa identidade biocibernética, jogos de exploração dos modos de ser produzidos pelo ambiente urbano cada vez mais tecnologizado. (André, 2007, pág81)

As práticas de formação docente devem levar em consideração as alterações significativas, verificar que nossa individualidade moderna se liquefaz na velocidade

² Performance mediada, pretextos digitais e vídeo oferecem a professor e alunos a possibilidade de estender a experiência que já tem no drama em novos espaços dialógicos. Estes espaços não estão em oposição ao orgânico (real) e do drama tradicional e teatro abordagem, mas é um parceiro natural para que os educadores de teatro fazem diariamente. Nós reconhecemos que para muitos leitores, há uma tensão entre o real e o mediatizado e entre o vivo e o gravado. (jogadores reais XVI)

da rede (Bauman ,2001) e que o compartilhamento de processos individuais se tornam um elemento significativo de aprendizagem para uma geração familiarizada com o compartilhamento de informações. Neste viés, a experiência desenvolvida com os alunos do curso de licenciatura em teatro da UFMA demonstrou que a familiaridade com o suporte digital é uma característica relevante a ser considerada na formação de jovens docentes. Acreditamos ainda que um estudo sobre novas formas de criação em espaços virtuais deve ser um empreendimento a ser associado à formação de professores de arte, juntamente com novas metodologias na formação docente.

Referências Bibliográficas:

KOUDELA, Brecht na pós modernidade. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001, p. 90.

Bibliografia:

ANDRÉ, Carminda Mendes. O Teatro Pós-Dramático na Escola. Tese de doutorado apresentada à FE-USP, São Paulo, 2007. (disponível on-line)

Anderson, A., Carroll, J., Cameron, D. Real Players?: London: New York. Continuum, 2006

Anderson, A., Carroll, J., Cameron, D. Drama Education with Digital Technology London: New York. Continuum, 2009

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta – Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

PRENSKY, Marc “Digital Natives, Digital Immigrants Part 1”, On the Horizon, Vol. 9 Iss: 5, pp.1 – 6, 2001.

KOUDELA, Brecht na pós modernidade. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001, p. 90.

Blogs Consultados

CARVALHO, Rayssa. Minha vida na arte. São Luís, 27 de dez. 2012. Disponível em: <http://rayssainterpreta.blogspot.com.br/2012/12/minha-vida-na-arte-o-inicio.html>. Acesso em: 09 março 2013.

SIMÕES, Carol. Interpretação Teatral 1. São Luís, 29 de nov 2012. Disponível em: <http://carolsimoesteatro.blogspot.com.br/2012/11/interpretacao-teatral-i-291112.html>. Acesso em: 09 de março de 2013.

VALE, Marcelo. As Propostas de Grotowski e Barba. São Luís, 20 de fevereiro de 2013. Disponível em: <http://marceloavaleteatro.blogspot.com.br/2013/02/as-propostas-de-grotowski-e-barba-14-21.html>. Acesso em: 09 de março de 2013

Fernanda Areias de Oliveira

Professora Assistente II e pesquisadora vinculada ao curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão, vinculada ao departamento de Arte. Coordena o grupo de pesquisa LabTecDrama, laboratório de pesquisa associado ao departamento de arte que desenvolve pesquisas acerca da formação de professores de teatro e novas metodologias para media art. Coordenadora pedagógica do pólo Arte na Escola/UFMA. Bacharel em Artes Cênicas-Habilitação Direção Teatral pela UFRJ e licenciada em Educação Artística pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Mestre em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM/SP). Sua área de pesquisa é voltada para questões de encenação, teledramaturgia, arte educação e media art. Atualmente cursa o Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Maria Cristina Villanova Biasuz

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, atuando como docente nesta unidade e Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Informática na Educação - doutorado nível 6 / PGIE / CINTED/UFRGS. Desenvolve pesquisa na área das Tecnologias Digitais, coordena o N.E.S.T.A - Núcleo de Estudos em Subjetivação, Tecnologia e Arte, dentro da LP - Linha de Pesquisa: Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição. Trabalha com as disciplinas: Laboratório de Informática no Ensino das Artes Visuais; Estética das Redes e do Ciberespaço. É pesquisadora da Propesq onde desenvolve o Projeto ApreDi: aprendizagem dinamizada por objetos tendo a arte como o fio condutor, no qual trabalha em processos de mídia educação via ambiente virtual de aprendizagem. Professora Visitante CAPES/Fulbright na The Ohio State University/2012 no Depto de Arts Administration, Education and Policy. Graduação em Licenciatura Plena em Desenho e Plástica pela Universidade de Caxias do Sul; Especialização em História da Arte - UCS; Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.